

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA
CONCURSO PÚBLICO PARA PROVIMENTO DE VAGAS DAS CARREIRAS DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO DE
INFORMAÇÕES E AVALIAÇÕES EDUCACIONAIS E DE SUPORTE TÉCNICO EM INFORMAÇÕES EDUCACIONAIS

EDITAL Nº 01 – INEP, DE 09 DE OUTUBRO DE 2012.

RESPOSTA PADRÃO - QUESTÕES DISCURSIVAS

PESQUISADOR-TECNOLOGISTA EM INFORMAÇÕES E AVALIAÇÕES EDUCACIONAIS

ÁREA DE ESPECIALIZAÇÃO II

QUESTÃO - 1:

As variáveis diferem em "quão bem" elas podem ser medidas, isto é, em quanta informação seu nível de mensuração pode prover. Sob este prisma as variáveis são classificadas como (a) nominais, (b) ordinais (c) intervalares (d) razão.

(a) Variáveis nominais permitem apenas classificação qualitativa. Ou seja, elas podem ser medidas apenas em termos de quais itens pertencem a diferentes categorias, mas não se pode quantificar nem mesmo ordenar tais categorias. Por exemplo, pode-se dizer que 2 indivíduos são diferentes em termos da variável A (sexo, por exemplo), mas não se pode dizer qual deles "tem mais" da qualidade representada pela variável. Exemplos típicos de variáveis nominais são sexo, raça, cidade, etc.

(b) Variáveis ordinais permitem ordenar os itens medidos em termos de qual tem menos e qual tem mais da qualidade representada pela variável, mas ainda não permitem que se diga "o quanto mais". Um exemplo típico de uma variável ordinal é o status sócio-econômico das famílias residentes em uma localidade: sabe-se que média-alta é mais "alta" do que média, mas não se pode dizer, por exemplo, que é 18% mais alta.

(c) Variáveis intervalares permitem não apenas ordenar em postos os itens que estão sendo medidos, mas também quantificar e comparar o tamanho das diferenças entre eles. Por exemplo, temperatura, medida em graus Celsius constitui uma variável intervalar. Pode-se dizer que a temperatura de 40C é maior do que 30C e que um aumento de 20C para 40C é duas vezes maior do que um aumento de 30C para 40C.

(d) Variáveis racionais são as medições onde aparecem a escala e o zero absoluto. Por exemplo: medições de comprimento, volume, área, massa, tempo e etc.

Referências bibliográficas:

<http://www.inf.ufsc.br/~marcelo/intro.html>

<http://www.feb.unesp.br/jcandido/metodologia/Apostila/CAP05PG.pdf>

GOMES, F.P. Curso de Estatística Experimental. 12ª Edição. São Paulo: Ed. Nobel, 1987.

QUESTÃO - 2:

As autoras, no excerto acima, colocam em relevo dois princípios básicos e complementares a serem considerados pelos pesquisadores que optam por realizar estudos de acordo com abordagem qualitativa no campo da educação. De um lado, reafirmam a impossibilidade de se buscar uma “neutralidade científica” nas pesquisas sociais; de outro, alertam para a implicação subjetiva do pesquisador nos fenômenos estudados e, portanto, para o caráter político da pesquisa em educação, sem negligenciar o rigor científico do trabalho.

O ideal de “neutralidade científica”, como se sabe, é herdeiro de uma tradição positivista que orientou o desenvolvimento das ciências físicas e naturais, a partir do século XIX. Esta concepção serviu como modelo, inicialmente, para as ciências humanas e sociais ao longo de grande parte do século XX e se pautava, sobretudo, pelo princípio de uma relação de exterioridade entre sujeito e objeto. Em outras palavras, postulava e almejava uma postura de distanciamento e de “neutralidade” do pesquisador em relação aos fenômenos estudados, a fim de garantir a “cientificidade” dos conhecimentos por ele produzidos.

Esta concepção de ciência foi aos poucos sendo substituída, principalmente a partir da segunda metade do século passado, por uma perspectiva social e histórica da produção de conhecimentos, particularmente no campo das ciências humanas e sociais. De acordo com essa visão é impossível dissociar a relação sujeito-objeto do contexto histórico e político no qual se insere e se constitui. Isto é, é como integrante de um tempo e de uma sociedade determinados que o pesquisador realize o seu trabalho, o que não exclui as definições políticas e filosóficas que orientam a perspectiva com que analisa e interpreta a realidade. A consciência dessa condição, contudo, não dispensa o pesquisador do esforço de buscar e zelar pelo rigor científico da pesquisa em educação, que se materializa na escolha de referenciais teóricos e metodológicos claros e coerentes para a condução de seu trabalho.